
Follas do cineclub | 17/12/2014

Música de câmara
(Música de Câmara,

Tiago Afonso, Portugal, 2009, 9', VO)

Historias do fundo do patio

(Histórias do Fundo do Quintal,

Tiago Afonso, Portugal, 2012, 14', VO)

Ruído ou as Troianas

(Ruído ou as Troianas, Tiago Afonso, Portugal, 2014, 67', VO)

Coa presença do director

03

Disponível em <https://pt-br.facebook.com/notes/doclisboa/tiago-afonso-fala-sobre-hist%C3%B3rias-do-fundo-do-quintal/10151501850114503>

CA: Histórias do Fundo do Quintal transforma-se e constrói-se através da intemporalidade de pequenos relatos que convergem para o mesmo acontecimento, que decorreu no dia 28 de Maio de 1871 em Paris.

O que o motivou a criar estes relatos ficcionados em confronto com a realidade do dia 28 de Maio de 1981?

TA: Desde há uns anos que sou habitado pelo episódio histórico da Comuna de Paris, acho que o primeiro impacto foi com as fotografias, de Disdéri, dos corpos nos caixões expostos abertos, na vertical. Mais tarde vi o grandioso filme *La Commune* do Peter Watkins e depois *A Nova Babilónia* dos soviéticos Kozintsev e Trauberg (este último graças a uma programação do Pedro Costa em Serralves). Estes filmes fizeram-me ler tudo o que encontrei sobre o tema, ouvir as músicas cantadas na altura ou escritas sobre a Comuna. O Centro Mário Dionísio, também conhecido por Casa da Achada, desafiou-me a apresentar o dito filme soviético num dos seus ciclos regulares, nessa semana a história voltou-me a assombrar e comecei a projectá-la sobre as minhas traseiras (é bom dizer que quase todo o filme é filmado a partir da varanda de minha casa). Procurei imagens para os episódios históricos e inventei, ou melhor, reinventei histórias para o meu quintal, o dos vizinhos, a fábrica de tintas ou o antigo edifício, em decadência, da Cooperativa dos Pedreiros do Porto. À posteriori, pois nunca esteve presente de forma consciente durante o processo de criação do filme, imagino que as influências predominantes foram sem dúvida o Peter Watkins, que já referi acima, não especialmente o de *La Commune*, mas o de *War Game*, ou *Punishment Park*, e Chris Marker de *La Jetée*, 2084 ou *L'Ambassade*.

CA: O documentário usa os relatos de pessoas para transmitir e descrever as emoções e sensações de um acontecimento marcante, recriando, assim, uma intemporalidade no próprio discurso. Ao visualizar o documentário, fui levado a recriar o próprio imaginário da narrativa, perdendo um pouco a noção do tempo histórico...

O facto de não dar a possibilidade ao espectador de se situar num contexto histórico durante a narrativa, deixa-o livre de criar um imaginário à volta destes relatos. Porém, no final do documentário o espectador é subjugado a uma descrição que o faz reverter toda a narrativa, levando-o a um confronto dos factos do próprio documentário...

TA: A referência directa à Comuna surgiu tarde, durante muito tempo não havia nenhum cartão no fim do filme. O rigor histórico nunca andou por perto, foi tarde que senti a necessidade de que as pessoas tenham todos dados para entender, o meu trabalho. O processo de montagem foi longo, e à medida que ia recolhendo impressões e reacções, senti que não podia deixar o filme fechado no mistério... No fundo quero partilhar a minha experiência e a história que a habita, por exemplo, que todos possam entender que o pintor de automóveis representa o Gustave Coubert - que ficou condenado (ele e mais duas gerações) a pagar a reconstrução da torre de Vendôme (destruída durante a experiência). Este exemplo é para mim tanto mais importante que a transposição de artista dito «erudito» para uma figura proletária abre perspectivas para as lutas que me são próximas.

CA: Através de um cenário pós-industrial e desgastado pelo tempo, a imagem crua transforma a imagem numa ilusão, tal como o próprio discurso. A imagem transmite uma sensação de frieza, remetendo-nos para um cenário quase pós-guerra. O facto de construir visualmente o filme com estes cânones de intemporalidade, foi algo que surgiu previamente ou foi algo que no processo das filmagens foi tendo um crescendo constante?

TA: Não sei se concordo com a palavra frieza, abandono talvez... é bom referir que apesar de a maioria das imagens terem sido filmadas na altura, umas poucas vinham já de trás. Filmo muitas vezes em casa e alguns dos símbolos como a árvore (aquela mesma) são recorrentes nos meus filmes. Falando da intemporalidade, interessa-me cada vez mais este conceito de filmar objectos, digamos, com poucas referências e inventar por cima. Mesmo que as referências existam, como é o caso da estátua, projecta-se outras relações como objecto. No fundo, trata-se de estabelecer claramente o protocolo com o espectador, e deixar-lhe margem - haja vontade - de construir as suas próprias conjecturas. A intemporalidade é também uma forma de não se pensar que o instinto principal do filme é uma nostalgia ultrapassada mas antes uma reflexão sobre a possível importância dos acontecimentos do passado na vida presente e futura das pessoas. No fundo, que a vivência de um processo (qualquer que ele seja) de mobilização, consciencialização e luta pelas próprias vidas deixa marcas para sempre.

Entrevista a Tiago Afonso

Carlos Amaral

Extraído e traducido de João Queirós: *Social housing demolition as state-led gentrification in Porto's city centre*. Santa Cruz: Grin, 2013, p. 10-13

Desde comezos do século, o Porto foi testemuña dalgúns mudanzas relevantes no xeito de enfocar a “cuestión social e da vivenda” por parte das autoridades públicas locais. No que respecta ao tema da vivenda degradada ou en ruínas na zona vella e no centro, realizáronse novos acordos institucionais e presentáronse novos planos de mellora urbanística. En 2004, a lexislación instaurou a “rehabilitación urbanística” como un “imperativo nacional” e desenvolvéronse novos protocolos públicos para a favorecer. Extinguíronse institucións como a CRUARB [Comissariado para a Renovação Urbana da Área de Ribeira/Barredo] e creouse Porto Vivo, unha “Sociedade de Rehabilitación Urbanística”, converténdose na principal axencia pública nesta materia. A súa función é regular os proxectos de rehabilitación urbanística e atraer o investimento privado, a través da mercadotecnia de cidades e do establecemento de parcerías público-privadas. Aínda que o termo nunca é explicitamente mencionado, a xentrificación do centro da cidade do Porto está no cerne da estratexia desta axencia. Esta posta en andamento de protocolos estatais e intervencionismo estatal nos asuntos urbanísticos e da vivenda é tamén evidente se a atención se pon nas urbanizacións de vivenda social da cidade. Ao presentarse (di o concello) como potenciais trastornos do balance que entrelaza a “cohesión social” e a “seguridade urbana”, as urbanizacións de vivenda social precisan medidas específicas e efectivas: Mentres que nas urbanizacións “menos problemáticas” ou “non problemáticas” isto significa reforzar a regulación pública e o control burocrático sobre os residentes, seguidos finalmente pola restauración dos edificios; naqueles considerados “máis problemáticos” (os “supermercados da droga”, as “úlceras urbanas”, as “bom-

bas de reloxaaría” sen solución), isto significa intervencións estruturais, que implican a demolición e a dispersión dos residentes.

Tras a demolición, en 2007 e 2008, do Bairro de São João de Deus, unha urbanización moi empobrecida e fortemente estigmatizada situada na periferia da cidade, e tras o despexe doutras áreas máis pequenas de vivenda de protección oficial, Aleixo se converteu no maior símbolo e obxectivo deste xeito de enfocar os problemas urbanísticos e de vivenda da cidade. Malia a que o alcalde, daquela aínda un candidato, dixerá que non demolería o barrio, finalmente mudou de opinión. A “solución” ao “problema de Aleixo” chegou en 2007, despois da reelección do alcalde a finais do 2005: a urbanización desaparecería, os residentes serían realoxados noutras vivendas de protección oficial e o espazo aberto sería reurbanizado a través dun “fondo de investimento inmobiliario de características especiais”, que sería responsábel pola construción dun proxecto de vivenda para persoas con rendas altas.

O anuncio desta “solución” foi precedido e seguido por un traballo sistemático de difamación pública da urbanización. Coa complicidade dos medios convencionais¹, as autoridades locais exploraron as alarmas sociais sobre a “concentración da pobreza” e a “inseguridade” que significa este “centro da droga” e traballaron para xerar un consenso sobre o “irreversíbel” da situación de Aleixo e o “inevitábel” da súa demolición. Este xeito de producir consenso sobre a “solución inevitábel” aos “problemas de Aleixo” incluíu tamén a eliminación de calquera mención á promesa que o alcalde realizara antes da súa primeira elección en 2001 (dixera que non ía demoler a urbanización, convencendo deste xeito algúns dos membros da asociación de residentes para apoialo na campaña electoral daquel ano), así como a redefinición simbólica das orixes da urbanización. Como declara erroneamente o informe oficial do concello sobre a demolición da “Torre 5”, este barrio “non pretendía ser unha urbanización de vivenda social”. Se isto é así, queda lexitimado considerar os residentes como potenciais ocupantes ilexítimos da área; e o abandono ou a reescri-

¹ Unha análise dos titulares dos principais xornais portugueses sobre este asunto mostra que son case sempre copias literais dos slogans dos comunicados de prensa do concello ou das rodas de prensa do alcalde. Daquela, se existe a lei!... [Se o alcalde] Rui Rio aplicara a lei aquí, isto estaría arranxado. Pero non quere a lei, porque o que quere é tirar con isto. A súa lei son os cartos. Iso é (...) É un home sen palabra... Porque se fose un home respectábel, humanitario, vería que aquí hai seres humanos, aquí hai seres humanos, xente que chegou aquí hai trinta e tantos anos e que está preparada para ir ao cemiterio mañá, pero que queren vivir con dignidade nas súas casas, e non seren desposuídos dunha cousa que se lles DEU. Xa que viñemos de Borredo [no centro histórico] e nos meteron aquí, preto do cemiterio, sería unha boa cousa que nos deixaran morrer aquí. (...) Puxéranos aquí para ir ao cemiterio, e agora mándannos para onde? Un día destes imos ter a familia por todas partes... Un día destes, teremos que facer un mapa cos lugares onde vamos desaparecer... Por que? Coa xente que non ten palabra nunca se sabe. Eu estou preparado para marchar. Pero non quero deixar isto. Marcho de aquí para o cemiterio, eu e a miña familia. (J., 72 anos, residente orixinal).

Demonización e demolición da vivenda social como xentrificación dirixida polo goberno no Porto do século XXI

João Queirós

tura da historia da urbanización fai máis doado promover un novo punto de partida, “o comezo dunha nova era”. Non é sorprendente que o comezo da demolición de Aleixo elevara moi poucas voces críticas na cidade. A desconcentración dos “problemas” resultado da dispersión dos habitantes do barrio chegou a presentarse, nos discursos oficiais e nos intercambios diarios, como unha situación na que gañaban todos: a cidade vería desaparecer a maior “úlceras urbana” e “supermercado da droga”, as comunidades da contorna verían aumentar a seguridade e o valor das súas propiedades, o concello vería reducirse o stock de vivenda e os gastos correspondentes mentres que se beneficiaría de transferir un solo valioso ao mercado inmobiliario, os residentes “dignos” poderían finalmente deixar o que se convertera nun “inferno” en vida, a “xustiza social” sería promovida ao eliminar o “beneficio inxusto” representado pola tenza dunha vivenda pública por parte de residentes “indignos”. Os perdedores? “Só os traficantes de droga”, como ás veces se podía escoitar. [...]

O estudio do caso do Bairro do Aleixo, que este traballo presenta esquematicamente, é interesante porque revela a axenda social, económica e política que está por tras das discusións ambientais e as metáforas espaciais. Aquí temos unha urbanización de vivenda protexida “problemática”, localizada na ribeira, próxima o centro da cidade e preto do mar, rodeada por unidades residenciais de alta categoría, barrios privados, restaurantes, un hotel de cinco estrelas, e grandes lotes de terra deixados vacantes pola desindustrialización; próximo a escolas, universidades e outros servizos e equipamentos esenciais, públicos e privados, Aleixo converteuse nun elemento crucial da “terceira vaga”, a estratexia de

xentrificación “dirixida municipalmente” que se puxo en marcha no centro da cidade do Porto. Cun toque de desquite, as autoridades locais pecharon o círculo, retirando o que se convertera no elemento anómalo desta “área privilexiada”. Para os residentes de Aleixo, por outra banda, especialmente para os máis vellos, aqueles que foran desprazados do zona vella do Porto a mediados dos 70, os acontecementos toman a aparencia dunha historia repetida. A relegación política súmase á experiencia da pobreza e do estigma territorial para reforzar vellos sentimentos de indignidade e falta de valor: Daquela, se existe a lei!... [Se o alcalde] Rui Rio aplicara a lei aquí, isto estaría arranxado. Pero non quere a lei, porque o que quere é tirar con isto. A súa lei son os cartos. Iso é. (...) É un home sen palabra... Porque se fose un home respectábel, humanitario, vería que aquí hai seres humanos, aquí hai seres humanos, xente que chegou aquí hai trinta e tantos anos e que está preparada para ir ao cemiterio mañá, pero que queren vivir con dignidade nas súas casas, e non seren desposuídos dunha cousa que se lles DEU. Xa que viñemos de Borredo [no centro histórico] e nos meteron aquí, preto do cemiterio, sería unha boa cousa que nos deixaran morrer aquí. (...) Puxéranos aquí para ir ao cemiterio, e agora mándannos para onde? Un día destes imos ter a familia por todas partes... Un día destes, teremos que facer un mapa cos lugares onde vamos desaparecer... Por que? Coa xente que non ten palabra nunca se sabe. Eu estou preparado para marchar. Pero non quero deixar isto. Marcho de aquí para o cemiterio, eu e a miña familia. (J., 72 anos, residente orixinal). Con dúas torres abaixo, os residentes de Aleixo semellan estar fóra do xogo. Ineludiblemente, imponse a renuncia.

CINECLUBE DE COMPOSTELA



ASOCIACIÓN

O Cineclub tenta ser unha asociación autoxestionada. Para iso, propoñemos unha aportación económica persoal de 5€/mes (3€ para estudantes e parados/as)
① cineclubedecompostela.blogaliza.org
facebook.com/cineclubedecompostela
@ cineclubedecompostela@gmail.com

PROXECCIONS

Todos os mércores na
Gentalha do Pichel (Santa Clara, 21.
Santiago de Compostela)
Entrada de balde | Bono-axuda: 1€

3 DE DECEMBRO

A febre das armas
(*Gun Crazy*, Joseph H. Lewis, EUA,
1950, 86', VOSG)

10 DE DECEMBRO

Themroc
(*Themroc*, Claude Faraldo, Francia,
1973, 110', VO)

Presentada por Virxinia Polke

17 DE DECEMBRO

Música de cámara
(*Música de Câmara*, Tiago
Afonso, Portugal, 2009, 9', VO)
Historias do fondo do patio
(*Histórias do Fundo do Quintal*,
Tiago Afonso, Portugal, 2012,
14', VO)

Ruído ou as troianas
(*Ruído ou as Troianas*, Tiago
Afonso, Portugal, 2014, 67', VO)

Coa presenza do director